

AS MUDANÇAS DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DIANTE DE UMA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

(2011)

Carlos Alberto de Souza Cabello

Mestre em Educação Matemática. Possui especialização em Psicopedagogia e em Análise de Sistemas. Atualmente é professor nos cursos de Graduação e Pós graduação em Tecnologia da Informação na Anhanguera Educacional (Brasil). Atua desde 1992 como professor de Matemática e Informática.

E-mail:

professorcabello@hotmail.com

RESUMO

Este artigo demonstra que o conhecimento está em todos nós e em todos os lugares, atitudes, experiências, reflexões e comportamentos dos mais diversos. Enfatiza a relação de ensino aprendizagem focando a necessidade de comunicação e respeito mútuo entre educadores e educandos em suas experiências mesmo fora da escola, sintetiza a necessidade de valorizar a 'visão de mundo', discutida e contextualizada pelo nosso saudoso educador Paulo Freire. Comenta também sobre as novas tecnologias no processo de obter conhecimentos, de tratar e acima de tudo de compartilhar novos saberes. Neste trabalho também é abordado a relação e formas de ensinar com base essencialmente na didática e o papel de referência do educador na vida pós escola do educando.

Palavras-chave: Informação, aprendizagem, processo, conhecimento, cultura, didática, experiência, educação, contextualizar, tecnologia, ensinar

Em tudo, de qualquer situação, leitura ou pessoa podemos extrair alguma informação ou experiência que nos pode ajudar a ampliar o nosso conhecimento, para confirmar o que já sabemos, para rejeitar determinadas visões de mundo, para incorporar novos pontos de vista. Um dos grandes desafios para o educador é ajudar a tornar a informação significativa, a escolher as informações verdadeiramente importantes entre tantas possibilidades, a compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda e a torná-las parte do nosso referencial. Estamos aprendendo melhor quando vivenciamos, experimentamos, sentimos. Estamos aprendendo quando relacionamos, estabelecemos vínculos, laços entre o que estava solto, caótico, disperso,

integrando-o em um novo contexto, dando-lhe significado, encontrando um novo sentido. Estamos aprendendo quando descobrimos novas dimensões de significação que antes se nos escapavam, Quando vamos ampliando o círculo de compreensão do que nos rodeia. Estamos aprendendo mais quando estabelecemos pontes entre a reflexão e a ação, entre a experiência e o conceito, entre a teoria e a prática; quando ambas se alimentam mutuamente. Estamos aprendendo quando equilibramos e integramos o sensorial, o racional, o emocional, o ético, o pessoal e o social. Estamos aprendendo pelo pensamento divergente, através da tensão, da busca e pela convergência – pela organização, integração. Estamos aprendendo pela concentração em temas ou objetivos definidos ou pela atenção difusa, quando estamos de antenas ligadas, atentos ao que acontece ao nosso lado. Estamos aprendendo quando perguntamos, questionamos, quando estamos atentos, de antenas ligadas. Estamos aprendendo quando interagimos com os outros e o mundo e depois, quando interiorizamos, quando nos voltamos para dentro, fazendo nossa própria síntese, nosso reencontro do mundo exterior com a nossa reelaboração pessoal. Estamos aprendendo pelo interesse, necessidade. Estamos aprendendo mais facilmente Quando percebemos o objetivo, a utilidade de algo, quando nos traz vantagens perceptíveis. Precisaram-se comunicar-nos em inglês pela Internet ou viajar para fora do país, o desejo de aprender inglês aumenta e facilita a aprendizagem dessa língua. Estamos aprendendo pela criação de hábitos, pela automatização de processos, pela repetição. Estamos aprendendo pela credibilidade que alguém nos merece. A mesma mensagem dita por uma pessoa ou por outra pode ter pesos bem diferentes, dependendo de quem fala e de como o faz. Estamos aprendendo também pelo estímulo, motivação de alguém que nos mostra que vale a pena investir num determinado programa, curso. Um professor que transmite credibilidade facilita a comunicação com os alunos e a disposição para aprender. Estamos aprendendo pelo prazer, porque gostamos de um assunto, de uma mídia, de uma pessoa. O jogo, o ambiente agradável, o estímulo positivo podem facilitar a aprendizagem. Estamos aprendendo mais, quando conseguimos juntar todos os fatores: temos interesse, motivação clara; desenvolvemos hábitos que facilitam o processo de aprendizagem; e sentimos prazer no que estudamos e na forma de fazê-lo. Estamos aprendendo realmente quando conseguirmos transformar nossa vida em um processo permanente, paciente, confiante e afetuoso de aprendizagem.

O aprender e ensinar: Um processo permanente.

Paciente, porque os resultados nem sempre aparecem imediatamente e sempre se modificam. Confiante, porque estamos aprendendo mais se temos uma atitude confiante, positiva diante da vida, do mundo e de nós mesmos. Processo afetuoso, impregnado de carinho, de ternura, de compreensão, porque nos faz avançar muito mais. O conhecimento se dá fundamentalmente no processo de interação, de comunicação. A informação é o primeiro passo para conhecer. Conhecer é relacionar, integrar, contextualizar, fazer nosso o que vem de fora.

Conhecer é saber, é desvendar, é ir além da superfície, do previsível, da exterioridade. Conhecer é aprofundar os níveis de descoberta, é penetrar mais fundo nas coisas, na realidade, no nosso interior. Conhecer é conseguir chegar ao nível da sabedoria, da integração total, da percepção da grande síntese, que se consegue ao comunicar-se com uma nova visão do mundo, das pessoas e com o mergulho profundo no nosso eu. O conhecimento se dá no processo rico de interação externo e interno. Pela comunicação aberta e confiante desenvolvemos contínuos e inesgotáveis processos de aprofundamento dos níveis de conhecimento pessoal, comunitário e social. Conseguimos compreender melhor o mundo e os outros, equilibrando os processos de interação e de interiorização. Pela interação entramos em contato com tudo o que nos rodeia; captamos as mensagens, nos revelamos e ampliamos a percepção externa. Mas a compreensão só se completa com a interiorização, com o processo de síntese pessoal, de reelaboração de tudo o que captamos através da interação. Temos muitas chances de interagir, de buscar novas informações. Somos solicitados continuamente a ver novas coisas, a encontrar novas pessoas, a ler novos textos. A sociedade principalmente através dos meios de comunicação - nos puxa em direção ao externo e não há a mesma preocupação em equilibrar a saída para o mundo com a interiorização, com o ambiente de calma, meditação e paz necessário para reencontrar-nos, para aceitar-nos, para elaborar novas sínteses. Os processos de conhecimento dependem profundamente do social, do ambiente cultural onde vivemos dos grupos com os que nos relacionamos. A cultura onde mergulhamos interfere em algumas dimensões da nossa percepção. O conhecimento depende significativamente de como cada um processa as suas experiências quando criança, principalmente no campo emocional. Se a criança se sente apoiada, incentivada, ela explorará novas situações, novos limites, se exporá a novas buscas. Se, pelo contrário, se sente rejeitada, rebaixada, poderá reagir com medo, com rigidez, fechando-se defensivamente diante do mundo, não explorando novas situações. As interferências emocionais, os roteiros aprendidos na infância levam a formas de aprender automatizadas por alguns mecanismos, que ajudam e complicam o processo. Com a repetição de algumas situações semelhantes, a tendência do cérebro é a de acreditar que elas acontecerão sempre do mesmo jeito, e isso se torna algo geral, torna-se padrão. Diante de novas experiências, a tendência será enquadrá-las rapidamente nos padrões anteriores fixados, sem analisá-las muito profundamente, a não ser que haja divergências extremamente fortes. Com a generalização facilitamos a compreensão rápida, mas podemos deturpar simplificar a nossa percepção do objeto focalizado.

Objetivos e conscientização

Um dos eixos das mudanças na educação passa pela sua transformação em um processo de comunicação autêntica e aberta entre professores e alunos, principalmente, incluindo também administradores, funcionários e a comunidade, principalmente os pais. Só vale a pena ser educador dentro de um contexto comunicacional participativo, interativo, vivencial. Só estamos

aprendendo profundamente dentro deste contexto. Não vale a pena ensinar dentro de estruturas autoritárias e ensinar de forma autoritária. Pode até ser mais eficiente a curto prazo - os alunos aprendem rapidamente determinados conteúdos programáticos - mas não aprendem a ser pessoas, a ser cidadãos. Parece uma ingenuidade falar de comunicação autêntica numa sociedade altamente competitiva, onde cada um se expõe até determinado ponto e, na maior parte das vezes, se esconde, em processos de comunicação aparentes, cheios de desconfiança, quando não de interações destrutivas. As organizações que quiserem evoluir terão que aprender a reeducar-se em ambientes mais significativos de confiança, de cooperação, de autenticidade. Isso as fará crescer mais, estarem mais atentas às mudanças necessárias. As tecnologias nos ajudam a realizar o que já fazemos ou que desejamos. Se formos pessoas abertas, elas nos ajudam a ampliar a nossa comunicação; se somos fechados, ajudam a controlar mais. Se tivermos propostas inovadoras, facilitam a mudança. Com ou sem tecnologias avançadas podemos vivenciar processos participativos de compartilhamento de ensinar e aprender (poder distribuído) através da comunicação mais aberta, confiante, de motivação constante, de integração de todas as possibilidades da criação de aula-pesquisa/aula-comunicação, num processo dinâmico e amplo de informação inovadora, reelaborada pessoalmente e em grupo, de integração do objeto de estudo em todas as dimensões pessoais: cognitivas, emotivas, sociais, éticas e utilizando todas as habilidades disponíveis do professor e do aluno. A educação passa por profundas mudanças ultimamente e alguns aspectos devem ser contextualizados nas principais pessoas envolvidas neste processo: educadores e educandos. A premissa básica da educação é promover uma ação educativa comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e democrática onde as pessoas envolvidas conquistem acima de tudo a certeza de que educadores e educandos estão construindo uma sociedade mais justa e igualitária. Neste contexto o papel do educador e suas relações com o educando tem como base a prática da didática. Sendo que a didática aplicada pelos educadores reflete a relação ensinar-aprender, ou seja, ensinam da mesma forma que aprenderam isto significa que os educadores fazem esta relação sobre seus valores. No processo de aprendizagem tende a ocorrer choques de culturas e é importante destacar que o educando com o passar do tempo acaba por imitar seu educador, sua fala, seus gestos, seus comportamentos, é claro o papel do educador, um profissional que reflete em seus produtos finais suas características, hábitos, palavras, portanto acima de tudo este profissional deve Ter cuidado dobrado, pois não deve cobrar o que não pratica. O processo de aprendizagem é composto por um conjunto de regras e normas e tais fatos criam destaques nas deficiências dos educandos, sendo que é bastante claro que não ocorre a dissociação entre o aprender e o ensinar. Para fazer uma análise mais apurada basta lembrar por quantos educadores passamos durante nossa vida acadêmica e até mesmo por quantos treinamentos estivemos envolvidos e o grande destaque é quantos educadores marcaram nós neste processo, sem dúvidas a quantidade de educadores que marcaram nossas vidas é bem desproporcional ao número de educadores que passaram por nossas vidas. Portanto é muito claros, os educadores dos quais temos lembranças e até mesmo saudades são aqueles que apresentaram um carisma especial, um ensinar diferenciado, uma

atenção, um dedicar específico. A necessidade de lembrarmos tais fatos nós faz filosofar sobre nosso comportamentos perante nossos educandos, e acima de tudo resgatar virtudes e também falhas. Logo a perspectiva da didática assume a multidimensionalidade do processo de ensino aprendizagem e coloca a articulação das três dimensões, técnica, humana e política no foco de sua temática. A reflexão didática parte do compromisso com a transformação social, com a busca de práticas pedagógicas que tornem o ensino de fato eficiente para a maioria da população. Interpretando a didática como um conjunto de conhecimentos técnicos sobre o “como fazer pedagógicos”, conhecimentos estes apresentados de forma universal e, conseqüentemente desvinculados dos problemas relativos da educação, dos conteúdos específicos assim como do contexto sociocultural concreto em que foram gerados.

CONCLUSÃO

Diante das inovações oferecidas a sociedade, a disseminação do conhecimento, ou especificamente dos saberes, ganha brilhante destaque e faz com que uma das únicas formas de contribuir com a evolução dos seres humanos, a educação, também se inove. Acredito que diante de diversos saberes pedagógicos e suas aplicações, a didática, os educadores acabam participando ativamente na formação dos educandos e por conseqüência, a meu entender o grande destaque deste profissional é descobrir a real velocidade de aprendizado e a base em que seu educando esta montado, para que a partir daí consiga motivar, provocar interesse e acima de tudo destacar a importância que o saber transmitido aos educandos tem clara aplicação na sociedade em que vivemos, portanto faz-se necessário o domínio destes saberes, não apenas para transforma-se na sociedade, mas também para transformar a sociedade em que o mesmo esta imbuído. A nova realidade neste contexto do educador assume no meu entender algumas mudanças radicais, onde o conteúdo foi um fim em si mesmo, e hoje destaca-se como um meio para desenvolver competências. Enfatizo também a sala de aula deve deixar de ser um espaço fracionado, estático organizado por disciplina e no futuro deverá ser um local de reflexão e de situações de aprendizagem. Faz-se necessário lembrar fatos relacionados com as atividades, padronizada, rotineira, onde hoje, em meu entender deve ser focada em projetos e resolução de problemas. Com relação aos saberes, em muitas escolas é ainda fragmentado, dividido por disciplinas, de caráter enciclopédico, memorizador e cumulativo, e que com a realidade em que vivemos estes saberes deverá ser interdisciplinar, contextualizado, permitindo a criação de conceitos lógicos. E o educador, este deve sofrer profundas mudanças, deixando de ser um transmissor de saberes, passando a ser um facilitador da aprendizagem, pois o grande problema do educando hoje é com a escolha da informação correta, já que a Internet oferece com muita facilidade. O educando deve estar preparado para saber escolher e acima de tudo transformar informação, em saber fazer.

BIBLIOGRAFIA

AUSUBEL D., Novak, Hansian, . Psicologia Educativa: Um ponto de vista cognitivo. Ed. Trillas. México, 1968.

BARTLETT, C.; GHOSHAL, S. Transnational management : text, case, and readings in cross-border mangement . 2nd, Boston : Irwin, 1995.

CHALITA, Gabriel B.I. O Poder de fogo da educação. In: Revista FAPESP, edição 85, março 2003.

DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubens. Fomos Maus Alunos- Campinas: Papyrus, 2003.

FLAVEL, J. N. Metacognitive aspects of problem solving. EM RESNICK (ED.) The nature of inteligençe, Hillsdade, New Jersey, Laurence Erlbam(1976).

HERNÁNDEZ,Fernando. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos T. e BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papyrus, 2000.

PERISSÉ, Gabriel. O Professor do Futuro- Rio de Janeiro: Thex Ed., 2002.